

# Cabo Giocondo dá voz de prisão a oficial

9h - O bacharel João Medeiros Filho, Chefe de Polícia, recebe telefonema do 21º BC, informando o desligamento de praças, por incapacidade moral.

O jornal A República, órgão oficial do Governo do Estado, noticiava a realização, à noite, no Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão, de solenidade de colação de grau do Colégio Santo Antônio, então funcionando nas dependências do atual convento e confirmava a presença do governador Rafael Fernandes. Informava ainda estar ancorada, no cais do porto, uma esquadriha mexicana, composta de seis navios, em operações de treinamento.

O secretário geral do governo, Aldo Fernandes, teria recebido em palácio informações acerca de "reuniões de caráter subversivo" com a participação de Lauro Lago, que recentemente havia sido demitido da direção da Casa de Detenção, após a posse do novo governo.

No quartel do 21º BC chegou expediente do comandante da 7ª Região Militar oficializando o desligamento dos primeiros 30 soldados, cabos e sargentos com o tempo de convocação extinto e a informação de que na segunda-feira, 25, chegaria nova relação.

12h - Findo o expediente da manhã e por ser sábado, os oficiais e praças foram dispensados com a obrigação de apresentar-se para a revista, somente às 21 horas, ficando no quartel apenas o pessoal da guarda e o oficial de dia, tenente Abel Cabral Batista.

15h - A direção do Partido Comunista que se encontrava reunida com o enviado do comitê central nacional, João Lopes, "o Santa", recebe a visita do cabo Giocondo Dias e do sargento Quintino Clementino de Barros para transmitir informações de

Arquivo/DN



Giocondo Dias, integrante do grupo que tomou o poder no RN, na foto, ao lado de Fidel Castro

que a tropa estava revoltada e um levante era iminente. Apesar da discordância inicial dos dirigentes do partido, que não haviam recebido instruções do comitê do Recife, ao final da reunião, por volta das dezesseis horas, a direção curvou-se ao fato consumado, solicitando um prazo, para arremeter seus quadros (basicamente estivadores e portuários) e fez uma única exigência: todos os civis deveriam usar fardas do Exército e estar armados. Quintino e Giocondo voltaram ao quartel e a direção do partido iniciou a mobilização de seus filiados e simpatizantes, ficando estabelecido que a deflagração do levante seria naquela noite.

18h - Na Vila Cincinato, residência oficial do governador, situada à praça Pedro Velho, de frente para o atual Palácio dos Esportes Djalma Maranhão, no prédio hoje ocupado por repartição da Secretaria da Educação, o governador Rafael Fernandes, após o jantar, acompanhado do secretário geral Aldo Fernandes e do ajudante de ordens capitão José Bezerra de Andrade, dirige-se ao Teatro Carlos Gomes para presidir a solenidade de colação de grau e a seguir, assistir à encenação pelos alunos da peça "A Vitória da Cruz". Um dos formandos com idade de 14 anos era Geraldo Ramos dos Santos, tradicional empresário do ramo automobilístico, que hoje, aos 84 anos, guarda uma viva memória do episódio e dos fatos ocorridos nos dias que se seguiram. No recinto encontravam-se, além das mais altas autoridades como o Prefeito de Natal, Gentil Ferreira de Souza e diretores de departamentos da administração estadual, todo o "grand monde" natalense.

18h30m - Joaquim Inácio Torres, "Seu Torres", farmacêutico e professor do Atheneu, figura folclórica da cidade, residindo na avenida Rio Branco,

próximo ao quartel, após o jantar senta em cadeira na calçada, para fumar seu charuto.

Cascudo em O Tempo e Eu, 1967, conta o episódio: passou um cabo do Exército e vendo aquela tranqüilidade, segredou-lhe:

- Seu Torres, é melhor o senhor entrar. Vai começar uma revolução no quartel e deve haver tiroteio. - Revolução, é? Está certo, obrigado. Não perguntou que revolução era, nem para que seria e meteu-se na sala. Meia-hora depois, como nada ocorresse, levou a cadeira para fora e continuou fumando. Passou um soldado correndo e Torres gritou:

- Como é? Essa revolução vem ou não vem? Comecem logo, que coisa mais demorada! - Vai rebentar logo, seu Torres, mas não se arriisque, entre ... e saiu convencido que o velho professor do Atheneu estava inteiramente sabedor da conspiração".

19h30m - Dando seqüência aos preparativos que vinham sendo feitos desde o final da tarde, o cabo Giocondo Dias e o soldado Raimundo Tarol deram voz de prisão ao sargento - chefe da guarda e ao oficial de dia. Ao mesmo tempo, comandados pelos Sargentos Quintino Clementino de Barros e Eliziel Diniz Henrique, os praças comprometidos com o levante ocupam as posições estratégicas do quartel, soam os soldados presos no xadrez e aliciam os indecisos. Ao toque de recolher que ecoou no centro da cidade, acorreram oficiais e praças que residiam ou se encontravam nas imediações. Os praças receberam comunicação que o quartel estava de prontidão; os oficiais, instados a aderir, negaram-se e recusaram assumir o comando oferecido. Em vista disso, assumiu o comando militar formal do movimento, o sargento Quintino Clementino de Barros que, além de senso de organização, demonstrou equilíbrio nos dias que se sucederam, evitando ou condenando violências e arbitrariedades. Fez recolher, presos no cassino, os poucos oficiais que atenderam ao toque, em número de sete, sendo um capitão e seis tenentes. Vale ressaltar que havia dezoito oficiais no contingente do batalhão, tendo a maioria se refugiado em residências de amigos e parentes ou no interior do estado.

Assumido o controle da unidade, os insurretos efetuaram sucessivos disparos para o alto, sinal combinado como aviso para os civis que se achavam comprometidos, aos quais foram distribuídos fardamento militar, armas e munições. Curiosamente, os tiros disparados serviram também de alerta às autoridades e à principal força militar legalista, a Polícia Militar, de vez que seu QG no prédio hoje ocupado pela Casa do Estudante, está a pouco mais de um quilômetro do 21º BC. Por outro lado, apenas três quarteirões separavam o local da rebelião do teatro, onde se encontravam as principais autoridades.

Encontrando-se no Grande Ponto, o chefe de polícia (equivalente hoje às funções de Secretário da Segurança Pública), ouvindo os tiros e identificando a origem, mas sem a menor idéia de seu real significado, dirigiu-se ao quartel da PM, onde sugeriu ao oficial de dia, Capitão Joaquim Teixeira de Moura, que entrasse de prontidão e convocasse seu contingente, fazendo o mesmo na Inspetoria de Polícia Civil, localizada na atual sede do ITEP, na avenida Duque de Caxias. Daí, foi ao teatro onde conferenciou com o governador e voltou ao centro da cidade para averiguações.

No teatro, os primeiros tiros foram ouvidos em meio à solenidade, provocando natural alvoroço e a retirada de oficiais da marinha mexicana e dos comandantes militares, Otaviano Pinto Soares, do 21º BC e major Luiz Júlio, da PM e de parte da platéia. Reiniciada a cerimônia, com a intensificação do tiroteio, aumentou o pânico e efetuou-se a dispersão dos assistentes, inclusive das autoridades. O governador, acompanhado do secretário geral e do ajudante de ordens, dirigiu-se à Inspetoria de Polícia e como os tiros já estivessem sendo disparados na praça Augusto Severo, optaram por solicitar abrigo na residência do comerciante Xavier de Miranda, na avenida Duque de Caxias, onde passaram a noite e aguardaram contatos com informações mais precisas. No mesmo momento, o prefeito Gentil Ferreira, o presidente da Assembléia Legislativa, monsenhor João da Mata Paiva, o chefe de gabinete do governador, bacharel Paulo Pinheiro de Viveiros e o diretor do jornal oficial A República, bacharel e jornalista Edgar Barbosa, refugiaram-se na residência do comerciante Amador Lamas, irmão do cônsul honorário do Chile, comerciante Carlos Lamas, também na Ribeira.

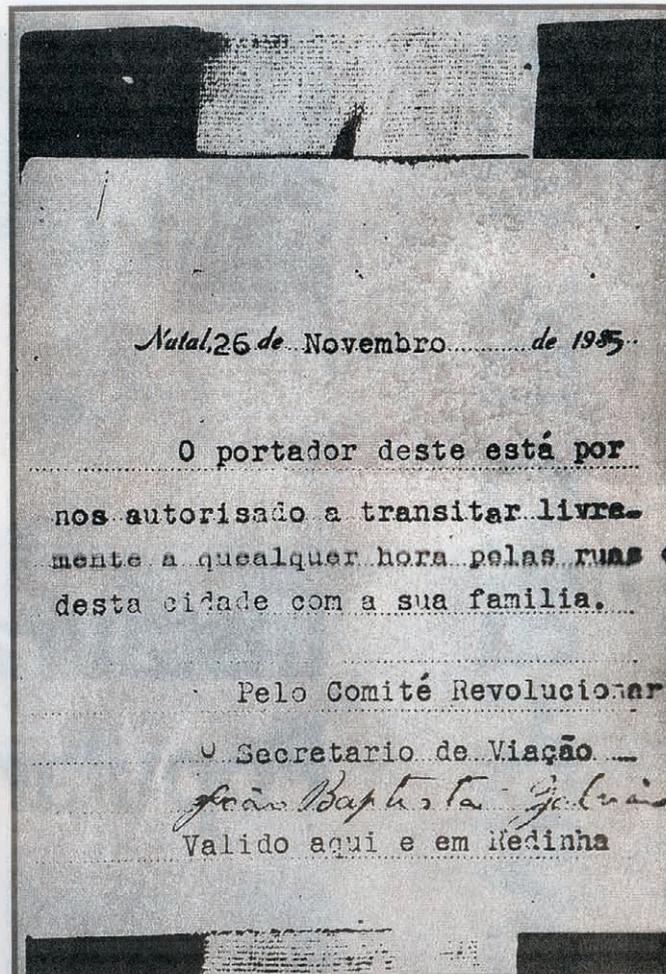
Enquanto isso ocorrem ao 21º BC algumas dezenas de operários, principalmente estivadores e sapateiros e antigos guardas civis que ao chegar recebem fardamento do Exército, armas e munição. Com o controle total do quartel e seu contingente acrescido de grande número de civis, os rebeldes trataram de dominar a capital, sendo formadas diversas patrulhas com a finalidade de ocupar os pontos estratégicos: o palácio do governo, a residência do governador, o Banco do Brasil, a sede da polícia civil, a Companhia Força e Luz (eletricidade), o telégrafo, a companhia telefônica, o cais do porto e a estação ferroviária. A seguir, foram formados dois destacamentos, sendo o primeiro para assumir o controle da Casa de Detenção (onde hoje fica o Centro de Turismo), o que foi feito sem nenhuma resistência, tendo a guarda se retirado pelos fundos, através das dunas situadas na área da atual rua do Motor; o segundo dirigiu-se ao Esquadrão de Cavalaria, onde após breve tiroteio durante a noite, seus defensores comandados pelo tenente Severino Raul Gadelha e em desvantagem, retiraram-se através das dunas (o esquadrão estava localizado no terreno onde foi edificada a Escola Doméstica). Na breve luta na Casa de Detenção, ocorreu a primeira morte da insurreição: um preso de justiça, José Pedro Celestino, que antes de ser libertado foi baleado pela guarda do presídio.

20h - João Medeiros Filho, após tomar as primeiras providências na Ribeira, dirige-se ao Grande Ponto no automóvel particular do comerciante Daniel Serquiz e em companhia do fotógrafo José Seabra, com a finalidade de colher maiores

informações acerca do movimento. Mesmo sabendo que o mesmo tinha origem no 21º BC, de ter encontrado uma patrulha do Exército guardando a sede do Banco do Brasil e seu automóvel oficial ter sido alvejado por tiros na Duque de Caxias, ao encontrar o sargento Amaro Pereira que comandava uma patrulha na rua João Pessoa, inadvertidamente aceita o convite para dirigir-se ao 21º BC, onde um oficial lhe daria informações mais precisas. Ao transpor o portão do quartel é imediatamente preso e recolhido ao xadrez, onde permaneceu até a madrugada do dia 27, privando a cidade e o estado de sua principal autoridade policial, elemento importante para a coordenação de sua defesa. Nessa mesma hora, o cabo Giocondo Dias, ao descer a avenida Rio Branco no comando de uma patrulha, trava tiroteio com policiais militares, é baleado superficialmente na cabeça, sendo internado no Hospital Miguel Couto (atual Onofre Lopes), onde permanece também até o final. Um anti-clímax para dois atores que estavam fadados a ser os personagens principais.

20h 30m - O major Luiz Júlio, comandante da Polícia Militar, que havia recebido telefonema do oficial de dia, capitão Joaquim Teixeira de Moura, informando que o quartel estava sendo atacado e tendo se dirigido à residência do governador, aí encontrou-se com o tenente-coronel José Otaviano Pinto Soares que há duas semanas era o novo comandante do 21º BC. A pé, ambos dirigiram-se ao quartel da PM, nesse momento sendo atacado por pequena força, conseqüente o intento de penetrar e comandar a organização da defesa. Nesse ínterim, atraídos pelos tiros, comunicados por telefone ou convocados pelo toque de reunir, dezenas de sargentos e praças conseguiram chegar antes que o cerco fechasse.

21h - Estabelecido o controle da cidade, foi possível aos rebeldes direcionar para o ataque ao quartel da Polícia Militar o grosso de suas tropas, tanto militares, como civis que haviam aderido. A partir desse momento e até o início da tarde do domingo, dia 24, o quartel resistiu ao cerco, com sessenta e oito defensores, sendo cinco oficiais, vinte e quatro sargentos, trinta e quatro soldados e cinco civis. Além do comandante e do oficial de dia já citados, os únicos oficiais que acorreram ao quartel foram os tenentes Francisco Bilac de Faria, José Paulino de Medeiros, o Zuza Paulino e Pedro Sívio de Moraes. Dentre os sargentos, inúmeros chegaram ao posto de coronel e se destacaram na história da corporação, como Celso Carlos Pinheiro, Sebastião Revorêdo, Bento Manuel de Medeiros e Júlio César Pinheiro. Entre os civis, os servidores públicos estaduais João Batista de Andrade, Lucrécio Pegado Cortez e Damasceno Bezerra. Para a luta, o batalhão contava apenas com quatro metralhadoras, trezentos fuzis, cinqüenta e dois revólveres e cerca de trinta mil balas. A força atacante era superior em número, com o triplo de combatentes, armas modernas e cerca de cento e trinta mil cartuchos, com os quais manteve o cerco ao quartel e combateu entrenchada em situação favorável, mais elevada, na esplanada que corresponde à atual praça João Tibúrcio, durante toda noite do sábado, 24. Nessa noite, quem pôde saiu da cidade, quem ficou, não dormiu com o barulho.



Salvo-conduto assinado por João Batista Galvão garantia o trânsito em toda a cidade de Natal

Fotos Arquivo/DN



João Medeiros Filho, chefe de polícia do RN, em 35